

**ARIANO SUASSUNA: A ESCRITA E A PRÁTICA DE UM PENSAMENTO
EDUCACIONAL NO “BRASIL REAL”**

Aurea Maria Bezerra Machado

PROPED – UERJ

aureambm@gmail.com

RESUMO

Este trabalho configura-se como uma reflexão sobre a contribuição de Ariano Suassuna, dramaturgo, romancista, ensaísta e professor universitário à educação brasileira, desenvolvida no espaço político-social que Machado de Assis chamava de “Brasil real”. Como professor, Suassuna usou a Literatura, a arte da palavra, a serviço da educação, sob o enfoque discursivo da cultura oral do sertão. Formado em Direito e Filosofia, lecionou por trinta e dois anos na Universidade Federal de Pernambuco, onde ensinou Estética e Teoria do Teatro, Literatura brasileira e História da Cultura brasileira, aplicando sempre a Literatura com as Ciências sociais. Mostrava aos seus discentes que, o conhecimento adquirido no universo literário podia ser uma grande aventura para a transformação da vida em sociedade. Foi ainda Secretário de Educação e Cultura de Recife e Secretário de Cultura no governo Miguel Arraes. Foi um dos maiores responsáveis pela difusão da cultura nordestina, unindo dois elementos até então díspares: o erudito e a cultura popular, com o “Movimento Armorial”. Desenvolveu ainda o projeto “A Onça malhada, a Favela e o Arraial”, com o qual percorreu as periferias das cidades brasileiras e o sertão, redutos do povo simples do “Brasil real”.

Palavras-chave: Literatura;Docência;Resiliência.

INTRODUÇÃO

“Tenho duas armas para lutar contra o desespero, a tristeza e até a morte: o riso a cavalo e o galope do sonho. É com isso que enfrento essa dura e fascinante tarefa de viver.” (Ariano Suassuna)

Ariano Suassuna teve sua vida particular, profissional, cultural e política pautada na interação do “Brasil oficial” e do “Brasil real”. Por quase um século, ele percebeu essa necessidade de mostrar um país ao outro. Assim, elaborou a sua literatura e docência, com o popular e o erudito sempre se imbricando e tendo o Movimento Armorial como a concretização dessa rede de sociabilidade. Um grande exemplo disso acabou sendo a interação da orquestra sinfônica com os cantadores, que foi na verdade uma iniciativa de oferecer ao povo a cultura erudita e mostrar ao erudito o valor do popular, desmistificando o discurso construído pela classe dominante de que aquilo que nasce do povo não tem qualidade. Como educador, era essa a percepção e intenção de Suassuna: formar cidadãos críticos, que valorizassem a sua cultura e a sua identidade.

O artista Ariano Suassuna conviveu com as diversas manifestações artísticas por toda a existência, mas apesar de ter escolhido em especial a Literatura, era múltiplo, em suas criações e por isso, conviveu e interagiu com tantas outras artes. Era um homem de letras, que se tornou professor e arauto da Cultura brasileira, sem aceitar a segregação das elites. Criticava a cultura oficial acadêmica do “Brasil oficial”, que afastava os mais pobres que representam o “Brasil real”. No Movimento Armorial, procurou fazer uma fusão desses dois países.

Ele entendia que a base da cultura erudita vinha das nossas tradições ibéricas, no decorrer dos séculos de história, reinterpretadas por negros, índios e mestiços, dando origem à cultura popular. E essa percepção viria a partir das leituras de *Os Sertões*, de Euclides da Cunha e dos textos machadianos.

Para o professor Suassuna, o povo tinha que ter acesso à educação e à cultura porque

o “Brasil real” merecia uma educação ideal. Educação que deveria ser levada aos sertões, às periferias, às favelas, como um projeto pautado na construção do conhecimento e da valorização da memória cultural e da identidade da gente brasileira. Quem não entende isso, não entende o Brasil.

UMA VIDA ENTRE DOIS “BRASIS”

Ariano Vilar Suassuna nasceu em 16 de junho de 1927, oitavo filho do então presidente da Paraíba, João Urbano Pessoa de Vasconcelos Suassuna e dona Rita de Cássia Dantas Vilar, que lhe deram o nome em homenagem a São Ariano do Egito. Em 1930, com a família residindo no Rio de Janeiro, seu pai, foi assassinado devido a questões políticas e a família mudou-se para o sobrado de Taperoá, no Sertão dos Cariris Velhos da Paraíba. Com muita luta e ajuda da família, principalmente do irmão Manuel Dantas Vilar, dona Ritinha criou os nove filhos, formando-os em cursos como medicina, direito, filosofia e pedagogia.

Eram tempos difíceis na política e na economia do Brasil, por conta dos conflitos do governo e da grande seca que castigava o Nordeste, na década de 1930. Suassuna cresceu vendo os retirantes fugindo da fome, passando pela porta da propriedade de sua família, em Taperoá. Logo, os irmãos mais velhos foram estudar no Recife e Ariano ficou no sertão, com a mãe e os outros familiares. Nessa fase de sua vida, vivenciou a cultura popular, tendo contato com as cantigas populares brasileiras e as canções ibéricas dos portugueses, que chegaram até ele nas cantorias e desafios de viola, conheceu o teatro de mamulengos e o encantamento do circo, que marcariam de maneira significativa toda a sua existência de literato e educador. Exemplo disso é o palhaço Gregório, astro do Circo Stringhini, que o escritor frequentou, quando menino e que mais tarde imortalizaria na figura do palhaço-narrador em *O Auto da Compadecida*. Para ele, os palhaços aumentavam a alegria do mundo. E Taperoá, aquela cidadezinha dos Cariris, onde ele fora apresentado às rodas de viola e às narrativas de cordel, seria no futuro o universo mítico onde ele se inspiraria para criar as suas personagens inesquecíveis.

Nascido e criado no Nordeste, o qual chamava de “O coração do Brasil”, Ariano Suassuna trouxe para as páginas de suas obras as influências culturais populares de sua

infância em Taperoá e de sua mocidade, no Recife, que foram essenciais na formação do seu universo literário, por onde desfilaram personagens como João Grilo, Chicó, Cancão, Manuel Gaspar, Euricão, Joaquim Simão, Aderaldo Catação e Quaderna.

Na infância e adolescência, os livros foram os seus companheiros e tiveram grande influência na formação acadêmica. Suassuna não possuía apenas o hábito da leitura, mas a paixão por ela. Naquela época, os seus amigos inseparáveis eram os volumes herdados, da vasta biblioteca de seu pai, João Suassuna. Seus autores prediletos eram aqueles que o faziam rir. Ali iniciou os seus “estudos convencionais”, alfabetizado pela mãe, dona Ritinha.

Posteriormente, por ocasião dos exames do antigo curso de admissão ao ginásio, Ariano Suassuna mudou-se para Recife e frequentou o Colégio Interno Americano Batista e mais tarde, o Ginásio pernambucano. De formação calvinista e depois agnóstico, Suassuna converteu-se ao catolicismo e em 1947 escreveu a sua primeira peça, *Uma mulher vestida de sol*, baseada num romance do sertão. Em 1950, terminou a Faculdade de direito e até 1956, dedicou-se à advocacia e paralelamente ao teatro. Nesse período produziu *O castigo da soberba*(1953), *O rico avarento*(1954) e *O Auto da Compadecida*(1955), peça escrita com base em romances e histórias populares do Nordeste, que o consagrou por todo o país e que foi considerada por Sábato Magaldi, em 1962, como “o texto mais popular do Moderno Teatro brasileiro”. Foi encenada pela primeira vez no Recife, em 11 de setembro de 1956, no Teatro Santa Isabel. Com o dinheiro dos direitos autorais, ele comprou a casa da rua do Chacon, no Poço da Panela, Recife, cuja fachada reformou, com os azulejos do grande amigo, o ceramista Francisco Brennand. Suassuna consagrou a casa à *Compadecida*, porque graças a ela pudera adquirir o imóvel e lá morou por toda a vida. O casarão ainda é a residência da família Suassuna e possui um acervo artístico incomensurável, com peças do escritor, de dona Zélia Suassuna, sua esposa, e de Manuel Dantas Suassuna, seu filho, ambos artistas plásticos e outros familiares e amigos.

Em 1956, iniciou a sua carreira de professor (como mais gostava de ser chamado) na Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), lecionando *Estética* e mais tarde, outras disciplinas, onde se aposentou em 1989, após 32 anos de docência e dedicação à educação brasileira. Mas o trabalho em prol dela e da cultura do nosso país continuaria, através dos seus projetos culturais.

Em 1971, publicou o seu *Romance d’A Pedra do Reino e o Príncipe do Sangue do Vai-*

e-Volta, inspirado em um episódio ocorrido no Século XIX, no município de São José de Belmonte, a quatrocentos e setenta quilômetros de Recife, com uma seita sebastianista. Suassuna começou a escrevê-lo em 1958, mas levou mais de uma década para concluí-lo e publicá-lo. A obra foi adaptada como uma minissérie, pela Globo, em 2007, em homenagem aos oitenta anos do escritor.

Em 1976, conciliando a docência e o cargo de secretário de educação e cultura da Cidade de Recife, defendeu a tese que lhe deu o doutoramento em História *A Onça castanha e a Ilha Brasil*, título que já nos remete à sua visão sobre a formação mestiça do povo brasileiro e de sua cultura, texto que seria a base para o seu projeto cultural da Onça malhada, a Favela e o Arraial, duas décadas mais tarde.

Em 1990, Ariano Suassuna passou a ocupar a cadeira de número 32 da Academia Brasileira de Letras e em 1993 tornou-se também membro da Academia pernambucana de Letras. Foi também secretário de cultura nos governos de Miguel Arraes(1995-1998) e de Eduardo Campos(2006-2009).Faleceu em Recife, no Real Hospital Português, em 23 de julho de 2014, aos 87 anos.

Suassuna fez uso da história oral nordestina para criar as personagens de seus romances e peças. E em seus textos, registra para provocar o riso os tipos oficiais do seu universo matricial, Taperoá, Sertão dos Cariris Velhos da Paraíba, onde se desenrola a ação de quase todos os seus trabalhos. Ele dizia que toda cidade do sertão tem o seu bêbado, o doido, o mentiroso e o herege oficiais. Justificando-se, pela escolha do cômico, apesar da dura realidade do sertão, cita Molière: “Não existe tirania que resista a uma gargalhada que dê três voltas em torno dela.”¹

Uma de suas personagens extraordinárias é Chicó, o arquétipo do mentiroso que não mente por maldade, porque a sua é a “mentira de Deus”, que não prejudica ninguém, mas o faz para tornar essa vida mais leve, menos enfadonha. A terra é árida, mas a alma é verde. É o dom que o nordestino tem de numa condição tão adversa, ser alegre, gostar de festejar. Admirava também os doidos, que à margem da sociedade, veem sempre as coisas e os fatos

¹ O dramaturgo francês e grande mestre da comédia satírica, Molière, citado por Ariano Suassuna, durante a Aula-espetáculo ministrada na Sala Villa-Lobos do Teatro Nacional, em Brasília, em junho de 2013, acessada em 02/09/14, às 10:58 horas. Disponível em www.cultura.df.gov.br.

de uma maneira muito original. Suassuna acreditava que essa também é uma característica do escritor verdadeiro, que não indo atrás do lugar comum, procura o que tem de verdade por trás da aparência. Os doidos, os mentirosos e os escritores seriam pessoas que não contentes com o universo cotidiano “inventam” outro. E numa analogia ao fenômeno literário, assim também se sucede com escritor, sujeito que recria realidades, que conta o que poderia ter sido, como definia Aristóteles. Sobre a sua relação com os mentirosos, Ariano Suassuna escreveu: “ De todos, eu fui o único que se tornou profissional, o mentiroso profissional, inventador de histórias. (SUASSUNA, 2001, p.48)

UMA LITERATURA PARA O “BRASIL REAL”

“ Arte para mim não é produto de mercado. Podem me chamar de romântico. Arte para mim é missão, vocação e festa.” (Ariano Suassuna)

A obra literária de Ariano Suassuna foi tecida a partir das tradições populares do Nordeste e da dramaturgia universal, em autores como Molière, em *O Avaro*; Plauto, em *Aulularia*; Goethe, em *Fausto*; Cervantes, em *Dom Quixote de La Mancha* e tantos outros, pelo viés da perspectiva temática da comédia, baseada no herói picaresco da Literatura ibérica de origem popular, mas alicerçada na cultura do agreste do Brasil, com seus tipos: o mentiroso, o trapaceiro, o bêbado, o doido e o palhaço, que darão origem ao “quengo” (uma recriação sertaneja do herói picaresco, de tradição ibérica)

Ariano citou, como sendo de grande relevância para a formação, tanto da Cultura como da Literatura brasileira, a Literatura portuguesa da Idade Média, com a sua novela de cavalaria, e também a novela picaresca, principal manifestação da Literatura da Renascença. Numa de suas grandes matrizes, a obra de Cervantes, percebeu a convergência das duas vertentes: Dom Quixote, um aristocrata, como os heróis das novelas de cavalaria e Sancho

Pança, um personagem popular da novela picaresca. Na primeira, há a presença do religioso e do fantástico; na segunda, onde aparece a figura do “pícaro”, emerge o realismo e tal tipo de narrativa poderia perfeitamente se passar no Sertão do Brasil, onde há o folheto de cordel, que segundo Suassuna é a Literatura do povo do “Brasil real”, que também evidencia o “pícaro”, porém com outra denominação: o “quengo”, que no linguajar do sertanejo é cabeça. E os personagens astuciosos, que provocam o riso e também a comoção, são chamados de “quengos”, porque são espertos, de “cabeça boa” para armar presepadas e enganar os outros. No entanto, todas as artimanhas desses personagens têm como objetivo conseguir a “comida do dia”. Sobre “pícaros” e “quengos”, Suassuna afirmava que o “ser humano é o mesmo em todo o canto do mundo. Ele pode se expressar de modo diferente, mas é o mesmo ser humano”.²

Levando adiante o seu objetivo de valorizar o povo do Sertão brasileiro e a sua cultura, Ariano Suassuna baseou-se na citação do escritor Machado de Assis, que para ele teve a importância de uma revelação e segundo a qual no Brasil haveria dois países: O “Brasil oficial”, país dos privilegiados, dos poderosos, e o “Brasil real”, que era o dos pobres, dos desvalidos. O “Brasil real” seria bom, revelando os melhores instintos, mas o “Brasil oficial” seria caricato e burlesco. Ariano se dizia “Nascido, criado, formado e deformado pelo “Brasil Oficial”, mas que era alguém entendia o “Brasil real”. E citava a obra “Os Sertões”, do escritor pré-modernista Euclides da Cunha, para ilustrar o que seria esse segundo Brasil: “Quem não entende Canudos, não entende o Brasil.”(SUASSUNA, 2013)

Ao estudarmos a obra de Suassuna, devemos associá-la a um vasto campo epistemológico, uma vez que suas peças e romances descrevem o mundo natural e social do “Brasil real”, explicando e predizendo a realidade do povo brasileiro, integrando o que Dostoiévski chamou de “O Quarto Estado”, que é essa enorme maioria de analfabetos e semialfabetizados que representam uma parte significativa da população brasileira. A intenção de Ariano Suassuna era, como dramaturgo, romancista e poeta, levar em conta esse “Quarto Estado”, para conseguir assim a criação de uma arte que fosse capaz de apresentar um caminho através do qual a nação brasileira se plasmasse com uma nação verdadeira, que

² Citação extraída da Aula-espetáculo na FACAMP, em 2009, acessada em 22/08/2014, às 9:43 horas. Disponível em www.youtube.com/watch?=M3MSqbE2r04.

não abrindo mão de sua cultura, valorizasse a sua identidade.

Ariano Suassuna declarou não inventar e sim copiar as coisas ditas pelo povo brasileiro. Para escrever *O Auto da Compadecida*, por exemplo, baseou-se em narrativas populares como *O Enterro do cachorro*, *O Cavalo que defecava dinheiro* e *O Castigo da soberba*. A sua obra cômica revela assim o caráter da intertextualidade, que ocorre pela apresentação de um novo modo de leitura e reescrita.

“Por trás da festa do povo brasileiro e por trás da festa que conseqüentemente aparece nos meus livros, existe uma reivindicação ética e política inclusive, tá certo?”³ Suassuna declarava em suas palestras pelo país, que muitos criticam o povo brasileiro por gastar o que não tem, para se enfeitar, por três dias, com as vestimentas das festas populares, mas ele dizia que tal costume é uma prova de grandeza e generosidade do nosso povo: “Isso é um protesto do sonho contra a injustiça. Eles estão mostrando com isso que têm direito a uma vida digna e justa.”⁴

UMA PRÁTICA EDUCATIVA IDEAL PARA O “BRASIL REAL”

De acordo com o artista plástico, diretor de arte e cenógrafo Manuel Dantas Suassuna, filho do escritor, o amor pela docência e a descoberta desta vocação surgiu ainda na infância do pai, em Taperoá, quando ele fazia o primário, pelo antigo sistema de seriado, ou seja, todos os alunos numa única classe. Suassuna que era um dos mais novos, era o monitor e quando o professor Emídio precisava ausentar-se, o menino Ariano assumia a turma e ensinava aos colegas. Era o sertão da Paraíba, num tempo de seca muito intensa e por lá havia muita desigualdade social. Ali era uma parte daquele que mais tarde, após conhecer os escritos machadianos, ele saberia chamar-se “Brasil real”, longe do mar e das atenções do governo. Um dia, Suassuna passou a reparar em três irmãos, seus colegas de classe, que tinham muitas dificuldades no aprendizado e na hora do recreio, nem brincavam, nem merendavam. Ariano Suassuna descobriu que eles eram muito pobres e passou então a dividir o seu lanche todos os

³ Citação extraída do Programa Suassuna Especial – parte 1, exibido na TV Assembleia do Rio Grande do Norte, em 2005.

⁴ Idem.

dias com os três meninos. Mais tarde ficou sabendo que aquela era a única refeição que às vezes eles tinham no dia. E segundo Manuel Dantas Suassuna, décadas depois, o pai ainda lamentava com tristeza: “- Eu podia ter dito a minha mãe que botasse mais pão. Teria sido melhor.”

Formado em direito, não encontrou na advocacia, uma carreira de prestígio, em seus tempos, a sua realização profissional e em 1956, finalmente ingressou, paralelo ao seu processo de escrita, naquela que seria sua verdadeira vocação, o magistério e tornou-se o professor Ariano Suassuna, na Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), lecionando a disciplina *Estética*, até 1973. “ – professor...era como o meu pai gostava de ser chamado.” Relata o seu filho Dantas. Na época, a instituição chamava-se Universidade do Recife. Mais tarde, escreveria a obra *Iniciação à Estética*, considerada por ele “uma espécie de prestação de contas do seu trabalho como professor da disciplina.” O texto começou a ser escrito na década de 1950, no início de sua docência, porque havia no mercado editorial brasileiro uma escassez de livros sobre o assunto, e Suassuna redigiu um manual sobre a matéria, com este título, distribuído aos alunos em cópias mimeografadas, até ser publicado pela editora universitária da UFPE, pela primeira vez, em 1975. Atualmente, encontra-se na décima edição.

Entretanto, de acordo com o professor Carlos Newton Júnior, da UFPE, numa prestação de contas mais ampla, teríamos que também considerar, além das aulas e orientações do professor Suassuna, a sua produção no campo do ensaio – artigos, estudos, capítulos de livros e prefácios, que o próprio Suassuna considerava como extensão natural do seu trabalho docente.

Além dessa cadeira, ministrou outras disciplinas, tanto na graduação quanto na pós-graduação da UFPE, no campo do Teatro, Literatura e das artes, em geral, como Teoria do Teatro, Literatura brasileira e História da Cultura brasileira.

A maior preocupação do professor Ariano Suassuna, inserindo o universo literário na vida escolar e social dos seus alunos, era capacitá-los para a vida em sociedade, munidos de consciência crítica. “O papel da educação é promover mudanças qualitativas no desenvolvimento e na aprendizagem das pessoas, visando ajudá-las a se constituírem como sujeitos, a melhorar sua capacidade de ação e as suas competências para viver e agir na comunidade e na sociedade.” (LIBÂNEO, 2006) Essa era a prática do mestre Suassuna.

Contra a desigualdade social, sua ação política não era partidária, mas ideológica.

Ainda de acordo com o professor Carlos Newton Júnior, em *Ariano Suassuna: professor e ensaísta*, prefácio da obra *Iniciação à Estética*, o escritor e professor, no cotidiano de sua prática docente, aliava ao seu preparo intelectual, a humildade, a generosidade e uma visível paixão pela sala de aula. Por conta disso, suas aulas na UFPE eram concorridíssimas, com os seus alunos regulares disputando espaço com alunos ouvintes e até com outros que já haviam concluído as disciplinas mas tinham prazer de estarem presentes. Em suas aulas, não havia necessidade da realização de chamadas para computar assiduidade.

Em 1975, foi secretário de educação e cultura de Recife, mas em 1978, antes do final do mandato, pediu exoneração do cargo. No documento encaminhado ao prefeito Antônio Arruda de farias, Ariano Suassuna explica os motivos que o levaram ao pedido, “Minha saída da SEC da Prefeitura Municipal de Recife deve-se a vários motivos, entre os quais o principal é a necessidade interior irresistível de voltar à minha vida de apenas professor e escritor, aquela que representa minha verdadeira vocação.” (SUASSUNA, 1978)

Mesmo fora da sala de aula, durante seus mandatos como secretário de governo e após a aposentadoria em 1989, manteria o enfoque da valorização do ensino.

Paralelamente a sua docência, desenvolveu vários projetos culturais. Em 1970, surgia o Movimento armorial, cujo objetivo era criar uma arte erudita a partir dos elementos da cultura popular do Nordeste e abrangia todas as formas de expressões artísticas, como música, dança, literatura, tapeçaria, artes plásticas, teatro, cinema, arquitetura, etc. O movimento iniciou-se na UFPE, sob a inspiração e direção de Suassuna, com o apoio do Departamento de Extensão Cultural da Pró-Reitoria para assuntos comunitários da universidade e mais tarde, recebeu o apoio da Prefeitura do Recife e da Secretaria de Educação do Estado de Pernambuco.

Enquanto secretário de cultura de Pernambuco, na década de 1990, elaborou e coordenou as aulas-espetáculo, eventos, organizados com muitos elementos icnográficos e musicais da estética armorial, que continuaram até o fim de sua vida. Ariano Suassuna percorria, com a sua equipe, os teatros, as escolas, as universidades e centros culturais por todo o país. Segundo ele, havia três tipos de aulas-espetáculo: a completa (quando se fazia acompanhar por músicas e dançarinos), a reduzida (apenas acompanhado pelo músico Antônio

José Madureira), e a reduzidíssima (quando Suassuna assumia sozinho palco e plateia). Tudo era feito no improviso, sem texto pronto, com o “picadeiro” iluminado por sua genialidade. Era sempre um momento de festa porque a grande questão era “discutir a situação da Cultura brasileira”, um olhar sobre a identidade cultural do Brasil, com suas matrizes indígenas, portuguesas e africanas, através da música e da dança.

Ainda enquanto secretário de cultura do Estado, no governo de Miguel Arraes, surgiria o projeto “A Onça malhada, a Favela e o Arraial, com o qual Suassuna e sua equipe de artistas percorriam as periferias brasileiras e o sertão, convidando o povo simples do “Brasil real” para assistir aos espetáculos de música, dança e teatro. A onça era na realidade uma metáfora do povo brasileiro, mestiço em sua etnia e por conseguinte, em sua cultura. Segundo uma inferência de Suassuna, o Arraial de Canudos, do final do Século XIX tinha nos tempos atuais os seus equivalentes urbanos nas favelas das grandes cidades brasileiras. “Quando vejo a polícia cercando uma favela, vejo o cerco a Canudos. Ali está o “Brasil real.” (SUASSUNA, 2007)

Na secretaria de cultura de Pernambuco, Ariano Suassuna também inaugurou vários “anfiteatros” pelas periferias de Pernambuco, conhecidos por “ilumiaras”, onde o povo podia realizar suas manifestações culturais como o frevo, o maracatu, o cavalo-marinho e outros folguedos. A primeira a ser inaugurada foi a “Ilumiara Zumbi”, em 1995, localizada no bairro olindense de Cidade tabajara. Durante o carnaval, ali se apresentam as agremiações do maracatu, como a “Piaba de ouro”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A palavra-chave da produção literária e docente de Suassuna é “resiliência”, nomenclatura tão pertinente à realidade das práticas educativas das escolas públicas de nosso

país, onde os seus atores sociais (professores e alunos), de norte a sul do Brasil, diariamente retornam às unidades escolares, imbuídos pela “pedagogia da esperança”, que fortalece os seus sonhos, transformando-os em projetos, práticas e realizações, apesar das situações de desigualdade do contexto sócio-político.

A grande relevância de décadas de sala de aula e dos projetos culturais de Ariano Suassuna foi a compreensão do “Brasil real” pelo “Brasil oficial”. Seria impossível valorizar o Brasil, sem valorizar seu povo do sertão, das periferias e das favelas, sem oferecer-lhes uma educação e uma cultura de qualidade. Justifica-se, portanto, refletirmos sobre o professor Ariano Suassuna, um sujeito social, que interligou o universo das letras com o da docência, pelo viés do comprometimento da arte e o povo. O seu legado, fundamentado e posto em prática a serviço da educação e da cultura, é de grande relevância para a história da Educação brasileira, “tá certo?”

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARISTÓTELES. *A Poética*. Trad. Eudoro de Souza. Porto Alegre: Globo, 1966.
- BAKHTIN, Mikhail. *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais*. 7ª edição. São Paulo: Hucitec, 2010.
- _____. *Marxismo e Filosofia da Linguagem. Problemas fundamentais do Método Sociológico na Ciência da Linguagem*. 14ª edição. São Paulo: Hucitec, 2010.
- _____. *Problemas da Poética e Dostoievski*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1981.
- BARROS, Leandro Gomes de. *O cavalo que defecava dinheiro*. Campina Grande: Cordelaria Poeta Manoel Monteiro, 2009.
- BAUMAN, Zygmunt. *Identidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora Ltda. 2005.
- BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Obras escolhidas, v. 1. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- BOSI, Alfredo. *Cultura brasileira e culturas brasileiras*. In: *Dialética da colonização*. São Paulo: Companhia das letras, 1992.
- BRUNEL, Pierre & CHEVREL, Yves. (Orgs) *Compêndio de Literatura comparada*. Trad.: Maria do Rosário Monteiro. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2004.
- CABRAL, Tomé. *Novo dicionário de termos e expressões populares*. Fortaleza: Editora da UFC, 1982.
- CALVINO, Ítalo. *Por que ler os clássicos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- CANCLINI, Néstor Garcia. *Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*. São Paulo: EDUSP, 2000.
- CARVALHAL, Tânia Franco. *Literatura Comparada*. São Paulo: Ática, 1986.
- CASCUDO, Luís da Câmara. *Literatura oral do Brasil*. 2ª edição. São Paulo: Global Editora, 2006.
- COUTINHO, Eduardo. *Literatura Comparada na América Latina – Ensaios*. Rio de Janeiro: ed. UERJ, 2003.
- CUNHA, Euclides da. *Os Sertões (Campanha de Canudos)* São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.
- CUNHA, Luiz Antônio Rodrigues da. *Educação e desenvolvimento social no Brasil*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1975.
- CURTIS, Ernest Robert. *Literatura europeia e Idade Média latina*. Tradução de Paulo Rónai

- e Teodoro Cabral. São Paulo: EDUSP/HUCITEC, 1996.
- CURY, Carlos Roberto Jamil. *A propósito de Educação e Desenvolvimento Social no Brasil*. Educação & Sociedade, nº 9, maio, 1981.
- _____. *Ideologia e Educação brasileira*. São Paulo: Cortez/Autores associados, 1979.
- FARIA, Filho, Luciano Mendes. *Pensadores sociais e História da educação*. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.
- FOUCAULT, Michel. *O que é um autor?* Coleção Passagens/Vegas. Lisboa, 1992.
- FREIRE, Gilberto. *Interpretação do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- _____. *Ordem e Progresso*. Recife: Fundação Joaquim Nabuco. Editora Massangana, 2010.
- _____. *Sobrados e Mucambos: decadência do patriarcado rural e desenvolvimento urbano*. 3ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1961.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.
- HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. 3ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1955.
- LIBÂNEO, José Carlos. *Diretrizes curriculares da pedagogia: imprecisões teóricas e concepção estreita da formação profissional de educadores*. Campinas: **Educ.Soc.**, 2006.
- LUYTEN, Joseph M. *O que é literatura popular*. São Paulo: Brasiliense, 1983.
- MENDONÇA, Ana Walesca; BRANDÃO, Zaia (org.). *Por que não lemos Anísio Teixeira? Uma tradição esquecida*. Rio de Janeiro: Ravil, 1997.
- MOREIRA, João Roberto. *Aspectos culturais da área do Recife*. Educação e Ciências Sociais, ano I, vol. 1, nº 2, agosto, 1956
- _____. *Educação e desenvolvimento no Brasil*. Rio de Janeiro: Centro Latino-Americano de Pesquisas em Ciências Sociais, 1960b.
- _____. *Os Sistemas ideais de educação*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1945.
- NOBRE, João Damasceno. *O quengo de Pedro Malasartes no fazendeiro*. São Paulo: Luzeiro, s.d.
- RABETTI, Beti. *Teatro e comichades: estudos sobre Ariano Suassuna e outros ensaios*/Beti Rabetti(org.) – Rio de Janeiro: 7Letras, 2005.
- RIBEIRO, Darci. *O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

ROMERO, Sílvio. *Folclore brasileiro*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1954, 3 volumes.

SILVA, Vítor Manuel de Aguiar e . *Teoria da Literatura*. Coimbra: Livraria Almedina, 1979.

SUASSUNA, Ariano. *A pena e a lei*. Rio de Janeiro: Agir, 4ª ed. 1979.

_____. *Auto da compadecida*. Rio de Janeiro: Agir, 1985.

_____. *Farsa da boa preguiça*. Rio de Janeiro: José Olympio, 11ª ed. 2014.

_____. *Iniciação à Estética*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2018.

_____. *O casamento suspeito*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2014.

_____. *O santo e a porca*. Rio de Janeiro: José Olympio, 8ª ed. 1989.

_____. *Romance d'A Pedra do Reino e o príncipe do vai-e-volta*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2004.

TEIXEIRA, Anísio. *Educação é um direito; dependência essencial da democracia da efetivação desse direito; a educação como problema político e sua organização e administração como serviço público especial e autônomo; bases para um plano de organização dos sistemas estaduais de educação*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1968.

_____. *Educação não é privilégio*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1957.

_____. *Educação no Brasil*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1969.

_____. *Pequena introdução à filosofia da educação: escola progressiva ou a transformação da escola*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1971.

TEXTE, Joseph. *Os estudos de literatura comparada no estrangeiro e na França*. Trad. Maria Luísa B. Da Silva. In: *Literatura comparada – textos fundadores*. Eduardo F. Coutinho e Tânia Franco Carvalhal. Rio de Janeiro: Ed. Rocco, 1994.

VALLADARES, Lúcia do Prado. *A invenção da favela – Do mito de origem a favela.com*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005.

VASSALO, Ligia. *O sertão medieval: origens europeias do teatro de Ariano Suassuna*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1993.

VICTOR, Adriana. *Ariano Suassuna: um perfil biográfico*/ Adriana Victor, Juliana Lins. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2007.